

JORNAL DE BRASILIA

Se ajuda não vier agora, dificilmente crise chega ao fim

Heitor Tepedino

Londres — Com o equacionamento dos débitos brasileiros no exterior, o mercado financeiro internacional está mais tranquilo, mas como um sobrevivente de algum terremoto de alta escala. Agora, a indagação é como reintegrar os países em crise ao mercado internacional, para que o sistema financeiro possa operar normalmente. Este é o grande desafio para os países industrializados, que estão procurando uma nova fórmula visando esta meta. A preocupação é evitar que no surgimento de uma nova crise deste porte, os países industrializados não fiquem expostos a naufragar com os devedores.

A primeira dificuldade está em o mundo desenvolvido sobreviver sem os consumidores e os tomadores de empréstimos do Terceiro Mundo, já que estes últimos sempre foram responsáveis pelo fornecimento dos maiores lucros dos capitalistas. Com isto, os industrializados são fatalmente atingidos no momento em que um País como o Brasil restringe as suas importações. Dentro da estrutura atual dos desenvolvidos, eles precisam exportar para os subdesenvolvidos. Não há outra alternativa. Mas o problema está em saber como negociar com compradores e tomadores de empréstimos que já estão com a capacidade de pagamento esgotada.

No caso brasileiro, a solução embutida no programa elaborado pelo Fundo Monetário Internacional terá efeito parcial, não sendo o remédio para todos os problemas, tudo levando a crer que um planejamento macroeconômico precisa ser levado a efeito, visando criar diretrizes futuras para a produção interna, área agrícola, subsídios para exportação, política de preços, política realista na área salarial, enfim, preparar o Brasil para conviver com parceiros internacionais que já atingiram essas metas e que se sentirão mais seguros negociando com um país de economia organizada.

«Alívio»

Neste momento, o governo conseguiu uma vitória, que foi o fechamento do «pacote» que envolve vários acordos, dos mais difíceis, com dezenas de países assumindo compromisso formal de nos ajudar a superar a crise via alívio de pagamentos, principalmente para os débitos deste ano e de 1984. No entanto, com importações reprimidas, exportações comprometidas com débitos, política salarial achatada, política fiscal severa, empresas privadas e governo fora do mercado financeiro internacional, moeda permanentemente enfraquecida e uma receita de exportação aquém do custo da dívida externa, não há dúvida de que um replanejamento global do futuro deve ser elaborado, o mais breve possível.

Como se sabe, a queda das importações brasileiras significa recessão, desemprego, menos faturamento das empresas, porque estamos deixando de importar matéria-prima que gera produção e trabalho. Por seu lado, a nova lei de reajuste salarial tira o poder aquisitivo da população, o que é angustiante para o assalariado e um desastre para as indústrias, cujos produtos ficarão sem compradores. No quadro atual, embora tenha surgido o equacionamento da nossa dívida externa por um certo período, por enquanto o remédio oferecido ao governo brasileiro pela comunidade internacional foi uma camisa de força, optando-se por manter o paciente imóvel, justamente num momento que temos de produzir o dobro para suportar nossos compromissos.

Todo este esquema estaria bem montado caso o Brasil fosse uma empresa que deu-se mal nos seus negócios e fechou as portas, com patrimônio suficiente para garantir a dívida. Este não é o caso. Os banqueiros sabem disto, e o governo brasileiro não tem força para exigir dos nossos credores outra atitude, como ocorre quando o caixa cai no zero. Temos que indagar, entretanto, friamente, até quando vamos conseguir expandir nossas exportações estando fora do mercado financeiro? Como manter o nível de emprego, sem falar na necessidade de criação de 1,5 milhão de novos empregos ao ano? Como produzir sem capital? Como pagar uma dívida crescente com o faturamento decrescente?

Suspense e drama

Por todos esses fatos, fica claro que passamos apenas mais um capítulo de uma novela cujo autor tem mania de suspense e drama. Entretanto, tratando-se de um fato real e, o mais importante, de um País com 120 milhões de consumidores, a comunidade internacional teria de dar um pouco mais, permitindo que o processo de crescimento de um país em desenvolvimento não seja interrompido drasticamente, porque, dentro dos seus limites, sem excessos, crescer é a única saída para o Brasil não cair em depressão.

Por outro lado, em um mundo conturbado como o atual, com a Rússia e os Estados Unidos instalando mísseis atômicos em todos os cantos da Terra, ninguém pode ser ingênuo e buscar uma fórmula mágica que ofereça estabilidade de longo prazo tanto a credores como a devedores. A meta deve ser dar condição para que o devedor seja recuperável. Por isto é urgente que os países em crise sejam reintegrados ao comércio internacional, para que voltem a negociar em mesas de empresas privadas e não em salas de hospitais como o FMI, Clube de Paris e tantas outras casas de saúde fabricados pelos industrializados.

Dando-se condições para que o Brasil siga a sua rota, temos de ser otimistas e acreditar que podemos ultrapassar esta fase negra. Atualmente, todos os nossos problemas esbarraram em duas barreiras mortíferas: os juros da dívida externa e a política protecionista de comércio externo dos desenvolvidos. No caso do custo do serviço da dívida, os grandes bancos internacionais, mais cedo ou mais tarde, terão de contabilizar esses recursos como novos empréstimos, esquecer sua existência por uns dez anos, porque mesmo que o devedor queira pagar, ele simplesmente não pode cumprir o compromisso por absoluta falta de recursos. Esta parece ser a única fórmula existente para os países completamente descapitalizados, a de reintegração ao mercado financeiro internacional. Sem uma decisão neste nível, isto é, dar acesso ao capital, ficaremos 20 anos buscando uma estabilidade que não virá, porque estamos sem braços e sem pernas tentando nadar em um rio seco.

Reação

Desta forma, caso a comunidade financeira internacional pretenda insistir em manter os países em crise aliados do crédito, possivelmente uma bomba atômica irá explodir nas mãos dos próprios banqueiros. Hoje, temos o México e o Brasil, que é o que pesa — com suas dívidas renegociadas e ninguém pode negar que são dois países com potenciais de produção que permitem sua reintegração ao crédito internacional, o que tem de ser feito o mais breve possível. Sem isto, esta crise dificilmente chegará a um fim, além de ser muita pretensão dos banqueiros e entidades internacionais achar que nos condenaram à miséria para o resto de nossas vidas. Algum dia, alguém reagirá. E certamente a reação não trará soluções favoráveis para os banqueiros.